

3 Metodologia

Conforme já antecipado na introdução, o estudo do discurso racista em Shakespeare e nas suas traduções para o português do Brasil elaborado neste trabalho desenvolveu-se em várias etapas.

A primeira delas compreendeu a análise das notas e demais paratextos das edições. Por paratextos entende-se a folha de rosto, as orelhas, a capa e quarta capa, bem como notas, prefácios e posfácios a traduções publicadas, geralmente de autoria dos próprios tradutores. Além desses elementos verbais, há outros, não-verbais, que acompanham o livro, como ilustrações. Tais elementos, embora não pertençam ao texto, ampliam e apresentam-no ao leitor. A função desses paratextos é, portanto, preparar o leitor e chamar a sua atenção para aspectos que o autor, a editora ou o tradutor considerem relevantes.

A importância de se examinar os paratextos reside justamente em analisar a obra traduzida em seu contexto de recepção, conforme preconizam os DTS e a teoria dos polissistemas, já que esses textos periféricos muitas vezes fornecem uma imagem ao leitor sobre a concepção de tradução que informa o trabalho, as normas tradutórias empregadas, o autor que está sendo traduzido, o tradutor e a própria obra em si.

Neste estudo, foram identificados, nos paratextos das edições traduzidas, todos os trechos que fizessem referência direta aos personagens masculinos negros, no tocante à raça, cor da pele ou outros elementos que os identificassem como estrangeiros nos prefácios, introdução, notas, capa, quarta capa e orelha. O objetivo foi verificar a imagem que ia sendo construída desses personagens em termos da questão de raça/cor.

Após o exame dos paratextos, foi efetuada a análise do texto das peças. Para melhor identificar as ocorrências de discurso racista, foi feito inicialmente um estudo do texto-fonte, sempre que possível recorrendo a glosas ou textos críticos que esclarecessem a conotação do original inglês no contexto elisabetano. Após a identificação e classificação do original inglês, foi realizado um estudo comparativo com as traduções para tentar estabelecer as diferenças entre o pólo-fonte e o receptor. Procurou-se, na medida do possível, determinar o grau de manipulação do texto e a inserção do tradutor no tocante às ocorrências, ou seja,

se o efeito das traduções era reconstruir, legitimar, intensificar ou reduzir o impacto do preconceito existente na obra original. Além disso, procuramos investigar se o tradutor utilizava termos considerados pejorativos ou discriminatórios no Brasil.

Conforme indicamos no capítulo anterior, o discurso racista se caracteriza, entre outros aspectos, por:

- demarcação entre dois grupos distintos: “Us” (os brancos) e “Them” (outros grupos étnicos) (Van Dijk, 2000a: 93)¹;
- referências positivas à cor de pele branca ou à superioridade da raça branca (Kabengele, 1988; Souza, 1983; Santos, 1980; Van Dijk: 2000a);
- alusões à cor de pele negra, categorizando e destacando o indivíduo negro em oposição aos de raça branca, considerada o usual (Castro, 2000);
- omissão ou uso de eufemismos ao se referir à cor de pele negra, em situações onde a referência seria de se esperar (Ibidem);
- associação freqüente entre a cor negra e aspectos negativos: feiúra, sujeira (Souza, 1983) e maldade (Sodré, 1999), e especificamente no contexto elisabetano, associação com o diabo (Hunter, [1964] 2000: 57);
- alusões depreciativas a características físicas dos negros (por exemplo, cabelo crespo, nariz largo ou lábios grossos), o que acarreta uma desvalorização ou rejeição sistemática dos seus atributos físicos (Souza, 1983: 7 e 29; Kabengele, 1988: 21 e 30; Sodré, 1999: 86).
- redução dos negros à condição sub-humana, principalmente através de comparações pejorativas entre negros e animais (animalização) (Souza, 1983; Castro, 2000);
- comparações aparentemente positivas, mas que reforçam visões estereotipadas dos negros, principalmente em termos de musicalidade, resistência física e extraordinária potência e desempenho sexuais (Souza, 1983).

Portanto, primeiro buscou-se verificar no original inglês essas características, típicas de um discurso considerado discriminatório contra os negros, para em seguida classificar os exemplos encontrados segundo os itens

¹ Consideraremos “demarcação entre grupos” no *corpus* qualquer referência à condição de estrangeiro sem referência à cor.

apresentados acima. Dessa forma, foi possível identificar, de forma objetiva, o discurso racista presente em cada peça.

Posteriormente, foi realizado um estudo microtextual para localizar, nas diversas traduções, as soluções dadas para cada ocorrência de discurso racista previamente identificada. Por fim, em outra etapa do trabalho, empreendeu-se a análise dessas soluções, com o objetivo de verificar se, em relação ao original inglês, o discurso racista foi *mantido*, *atenuado*, *intensificado* ou *omitido*. Para tanto, elaborou-se um quadro para categorizar as estratégias passíveis de serem empregadas pelos tradutores analisados nas ocorrências de discurso racista.

Para exemplificar essa proposta de classificação, apresentamos um exemplo para cada categoria, com a respectiva justificativa.

- (i) *Manutenção*: quando a alusão, metáfora ou outro recurso lingüístico discriminatório é mantido integralmente na tradução.

Citamos como exemplo do original inglês o seguinte trecho de *Otelo*:

IAGO: (...) you'll have your daughter **covered with a Barbary horse**; (I. I. 111)²

A tradução de Onestaldo de Pennafort é:

IAGO: (...) vereis a vossa filha **coberta por um cavalo da Berberia**. (p. 11)

O texto em inglês apresenta uma metáfora em que Otelo é comparado pejorativamente a um cavalo originário da África. A mesma metáfora e a mesma alusão à região africana são mantidas na versão brasileira.

- (ii) *Atenuação*: quando a alusão, metáfora ou outro recurso lingüístico pejorativo tem seu efeito discriminatório reduzido na tradução.

Como exemplo, podemos citar um trecho de *O mercador de Veneza*, o comentário que faz Pórcia ao ser anunciada a chegada do Príncipe de Marrocos:

² Exemplo retirado da edição Penguin, elaborada por Kenneth Muir ([1968] 1984).

PORTIA: (...) if he have the condition of a saint and the **complexion of a devil**, I had rather he should shrive me than wive me. (I. ii. 117-25)³

Cunha Medeiros e Oscar Mendes reproduzem a fala da seguinte forma:

PÓRCIA: Mesmo que tivesse as qualidades de um santo e o **aspecto de um diabo**, eu o preferia para confessor a tê-lo como marido. (p. 447)

A ideologia racista é construída através da exegese do texto elisabetano, em que o diabo era geralmente retratado nas peças de teatro como um negro. Portanto, nesse contexto, a palavra “complexion” remete diretamente à tez, como apontam os editores ingleses (cf. Arden, p. 21, Penguin, p. 171). No texto brasileiro, por outro lado, a palavra “aspecto” apresenta cunho mais geral, não se referindo à cor de pele. Com isso, mantém-se a metáfora do diabo, mas não é reproduzida a imagem visual de que o diabo, ou seja, a maldade, é de cor negra, comparação esta que remete à ideologia do negro como emblema do mal. Assim, consideramos que houve uma atenuação, por não ter havido a reprodução da ideologia que associa o indivíduo negro ao mal, muito embora tenha havido a manutenção da comparação com o diabo.

(iii) *Intensificação*: quando a alusão, metáfora ou outro recurso lingüístico apresenta seu efeito racista reforçado na tradução.

Vejamos o seguinte discurso de Aarão em *Tito Andrônico*:

AARON:
What signifies my deadly-standing eye,
My silence and cloudy melancholy,
My fleece of woolly hair that now uncurls
Even as an adder when she doth unroll
To do some fatal execution? (II.iii.32-6)⁴

Barbara Heliodora apresenta a seguinte versão:

Que significa este meu fixo olhar,
Meu silêncio e melancolia escura,
A minha carapinha que se estica
Como uma cobra que se desenrola
Para alguma execução fatal? (p. 49)

³ Os exemplos de *The Merchant of Venice* foram retirados da edição Arden, preparada por John Russell Brown ([1955] 1969).

⁴ Exemplo retirado da edição Arden.

Consideramos que o discurso racista neste trecho está presente na alusão depreciativa a traços físicos da raça negra, no caso, a referência ao cabelo de Aarão, comparado ainda com um animal de atributos negativos: a serpente. A tradutora citada optou por utilizar um termo em português que designa o cabelo típico dos negros, utilizando-se de uma estratégia de domesticação. Dessa forma, o termo, além de trazer ao leitor o contexto brasileiro, ainda acentua o preconceito original, se considerarmos que uma referência direta a traços físicos de afro-descendentes pode ser constrangedor no pólo de recepção (Castro, 2000). Finalmente, o próprio vocábulo “carapinha” intensifica o preconceito, na medida em que pode ser considerado um termo pejorativo no Brasil atual.

(iv) *Omissão*: quando a alusão, metáfora ou outro recurso lingüístico discriminatório não figura na tradução.

Vejamos a rubrica que marca a entrada em cena do Príncipe de Marrocos em *O mercador de Veneza*:

[scene I - Belmont.]
[Flourish Cornets.] Enter [the Prince of] MOROCCO (**a tawny Moor all in white**), and three or four followers accordingly, with PORTIA, NERISSA, and their train.
(II.i)

Comparemos com a tradução de Carlos Alberto Nunes:

Toque de cornetas. Entram o Príncipe de Marrocos, com séqüito, Pórcia, Nerissa e outras pessoas (p. 117)

O tradutor omitiu a descrição física do Príncipe de Marrocos, “a tawny Moor all in white”, presente no original inglês, retirando, assim, qualquer imagem visual que o leitor pudesse fazer do personagem. Como uma das características do discurso racista é justamente demarcar os indivíduos de raça negra, é significativa a inclusão dessa categorização de raça no original inglês; sua omissão no texto em português, portanto, apresenta repercussões, na medida em que retira um item discriminatório.

É importante ressaltar que as quatro categorias formuladas aqui foram determinadas *a posteriori*, ou seja, após o levantamento das ocorrências e a

comparação com as respectivas traduções observou-se que os exemplos tendiam a recair em quatro tipos básicos de manipulação.

A atribuição das categorias – *manutenção*, *atenuação*, *intensificação* e *omissão* –, entretanto, não foi tarefa simples. Alguns exemplos não se prestam a uma classificação bem definida. O próprio exemplo de atenuação citado acima poderia ser considerado uma omissão da ideologia racista que equipara negros ao mal. Como o texto não menciona que o diabo é negro, ficando a cargo dos críticos explicitá-lo aos leitores contemporâneos, um leitor privado dessa informação poderia não perceber discriminação na fala de Pórcia no próprio original inglês. Dessa forma, a proposta de classificação é produto de interpretação e, portanto, sujeita a diferentes leituras e/ou critérios. Com efeito, a interpretação do discurso racista depende de vários fatores, podendo ser construído de diversas formas, consoante o conhecimento de mundo do leitor, o que o leitor percebe como intenção do falante naquele contexto, o significado extraído de determinada escolha lexical, etc.

Não foi atribuída distinção entre os termos “negro” e “preto” como conceitos indicativos de raça. Gostaríamos de esclarecer que a alusão a negros por si só pode não denotar racismo; inclusive, no contexto brasileiro, a não-menção à cor também pode ser interpretada como indício de discriminação. Entretanto, a alusão à cor dos personagens nas peças os demarca como estrangeiros dentro daquela sociedade, de maioria branca. Portanto, incluímos neste trabalho qualquer menção à cor desses indivíduos, ou à sua condição de estrangeiro, como exemplos de discurso racista.

A partir do levantamento das ocorrências, de sua classificação segundo o tipo de discurso racista encontrado no original inglês e da classificação de cada ocorrência segundo a estratégia tradutória adotada foram preparados dois tipos de tabelas classificatórias, indicando, respectivamente, o tipo de categoria de discurso racista presente no original inglês e o tipo de estratégia utilizada por cada tradutor. O objetivo era verificar: (i) qual o tipo de categoria racista mais presente no original inglês; (ii) qual seria a estratégia tradutória adotada com mais frequência pelos tradutores; (iii) se os tradutores teriam preferência individual por alguma estratégia; e (iv) se havia uma correspondência entre o tipo de categoria de discurso racista do original e as estratégias tradutórias.

Na análise dos dados não foram computados outros pontos que não os pertinentes à discriminação na linguagem. Assim, não nos preocupamos em analisar as estratégias adotadas com relação a escolhas bipolares como dicção arcaizante ou modernizadora; reprodução do esquema métrico e rítmico do original ou prosificação do texto, e estilo mais “voltado para a página” ou “voltado para o palco”⁵, muito embora seja forçoso reconhecer que essas escolhas repercutem na tradução. Também não nos preocupamos com a data de publicação das peças, uma vez que o nosso enfoque privilegia o efeito que essas traduções, que se encontram circulando e disponíveis, apresentam no contexto de recepção atual, e não no momento em que foram produzidas. Finalmente, os critérios para análise das ocorrências foram basicamente semânticos e pragmáticos, examinando-se os termos dentro do contexto.

Sabemos que as categorias de discurso racista criadas são instrumentais; muitas vezes é difícil atribuir uma categoria específica a uma determinada ocorrência, ou há um entrecruzamento de categorias (por exemplo, alusão à cor de pele e associação com o diabo ao mesmo tempo), caso em que procuramos assinalar todas as categorias encontradas. Da mesma forma, como já indicamos, a classificação das estratégias tradutórias também é instrumental, e muitas vezes nossa proposta pode ser controversa ou parcial. Por isso procuramos na medida do possível basearmo-nos na exegese, em verbetes de dicionários e em outros textos de referência. Tentamos também explicitar a escolha por determinada classificação.

Outro aspecto a ser considerado é que um levantamento puramente numérico não reflete totalmente o efeito final de uma tradução poética. Portanto, tentamos avaliar e interpretar os dados numéricos. Nesse caso, a interpretação não pode deixar de ser subjetiva.

Entretanto, apesar do caráter subjetivo da interpretação, acreditamos que a proposta de categorização das ocorrências seja uma forma para se avaliar da maneira mais objetiva possível a construção das manifestações racistas nas peças em questão, já que essas manifestações constituem um meio poderoso para a

⁵Como o texto shakespeariano pode ser lido como poesia ou pode ser encenado como texto teatral, algumas traduções valorizam um ou outro aspecto. Consideram-se traduções “voltadas para a página” (*page-oriented translations*) aquelas que buscam reproduzir aspectos poéticos do original, enquanto as “voltadas para o palco” (*stage-oriented translations*) são aquelas que levam em consideração a encenabilidade do texto. Os dois aspectos não são incompatíveis, porém. Barbara Heliodora, por exemplo, atenta para ambos em suas versões.

disseminação da ideologia racista; não se pode esquecer que uma das formas de se compreender a construção das ideologias é justamente examinar textos que moldaram essa construção ideológica, como por exemplo, os autores canônicos, onde se inclui Shakespeare. Portanto, é importante tentar compreender o papel que os textos shakespearianos – e suas traduções – exerceram e exercem ainda hoje na formação e disseminação de ideologias.

Antes de analisarmos as peças, devemos comentar sobre o epíteto “Moor”, que designa os três personagens em inglês, e sua respectiva tradução para o português, “mouro”. Assim como ocorre com a palavra “raça” – ou talvez exatamente por se referir a uma “raça”, ainda mais uma raça que se confunde com uma religião, a muçulmana – não há consenso sobre quais seriam as características físicas que esse termo designaria especificamente. Além disso, a palavra parece ter sofrido modificações em seu significado ao longo do tempo, representando, portanto, imagens diferentes desde a época em que a peça foi escrita.

Assim, apresentaremos as respectivas definições de “Moor” e de “mouro” como constam nos dicionários, mas a complexidade dos termos, sua inserção no contexto de produção e de recepção, e sua relevância para a caracterização dos personagens será retomada ao longo do trabalho, na medida em que os críticos forem se referindo especificamente à questão.

Apesar de a etimologia não ser bem estabelecida, ao que tudo indica tanto o inglês “Moor” quanto o português “mouro” compartilham a mesma raiz. Assim, o OED registra no verbete “Moor”:

The L. *Maurus*, Gr. $\Lambda\alpha[\theta\omicron]$ may possibly be from some ancient North African language. Some believe the word to be merely a use of Gr. $\lambda\alpha[\theta\omicron]$ black (which on this view is aphetic from $2\lambda\alpha\tau\theta$ —| blind); but this adj. (or at least this sense of it) is confined to late Gr., and may even be derived from the ethnic name.]

O *Dicionário Etimológico Nova Fronteira da Língua Portuguesa* inclui o seguinte verbete:

mouro *sm.* ‘indivíduo dos mouros, povos que habitavam a Mauritânia XIII. Do lat. *maurus* || **mauro** *adj.* ‘mouro’ 1572. Forma divergente culta de **mouro** || **mour**AMA XV || **mour**ARIA XIV || **mour**EJAR vb. ‘trabalhar muito, sem descanso (como um mouro), 1813 || **mour**ISCO XIII || **mour**ISMA XIV || **murzelo** *adj. sm.* ‘diz-se de, ou

cavalo morado XIII. Do lat. *mauricellus*, derivado de *maurus*, ‘mouro’ pela cor morena dos mouros; admite-se, ainda, que o vocábulo derive do gr. *mâurus* ou *amaurós* ‘moreno’.

Além da origem comum, é interessante notar o conceito de “negro” ou “moreno” presente já na própria origem do vocábulo.

Quanto às definições para o termo, a primeira apresentada pelo OED para “Moor” registra:

1. In *Ancient History*, a native of *Mauretania*, a region of Northern Africa corresponding to parts of Morocco and Algeria. In later times, one belonging to the people of mixed Berber and Arab race, Muslim in religion, who constitute the bulk of the population of North-western Africa, and who in the 8th c. conquered Spain. In the Middle Ages, and as late as the 17th c., the Moors were commonly supposed to be mostly black or very swarthy (though the existence of ‘white Moors’ was recognized), and hence the word was often used for ‘Negro’; cf. blackamoor.

Segundo o mesmo dicionário, a primeira ocorrência da palavra data de 1390. Dos vários exemplos citados neste dicionário, o retirado de Shakespeare provém de *O mercador de Veneza* e associa o termo “Moor” à raça negra: “**1596** Shakes. *Merch.* V. iii. v. 42, I shall answere that better to the Commonwealth, than you can the getting vp of the Negroes bellie: the Moore is with childe by you Launcelet?”

A confluência entre raça e religião já presente na definição citada acima é reforçada na acepção seguinte: “2. A Muslim, esp. a Muslim inhabitant of India. (Cf. Moors.)”.

Em termos de fenótipo, além da etimologia e da referência à cor citada na primeira acepção, “mostly black or very swarthy (though the existence of ‘white Moors’ was recognized”)), encontramos entre as expressões listadas pelo dicionário: “**Moor-lipped** *a.*, having thick lips like those of a Moor”, o que condiz com traços negróides e especificamente com a descrição de Otelo (“the thick-lips”: I. ii. 67) e do filho de Aarão (“you thick-lipp’d slave”: IV. ii. 176).

O termo “Blackamoor”, a que remete o verbete para “Moor”, também é ambíguo, na medida em que se refere a “Negro”, mas também a “any very dark-skinned person”, tendo como abonação um exemplo de Shakespeare:

Blackamoor

1. A black-skinned African, an Ethiopian, a Negro; any very dark-skinned person. (Formerly without depreciatory force; now a nickname.)

1606 Shakes. *Tr. & Cr.* i. i. 80, I care not and she were a Black-a-Moore.

Finalmente, além de “Blackamoor”, ainda se encontra registrado pelo OED outro composto formado com “Moor”, de uso antigo, sendo o termo que Shakespeare utiliza para designar o Príncipe de Marrocos:

† **'tawny-moor.** *Obs.*

[f. tawny + Moor *n.*²; cf. Blackamoor.]

A name given to the tawny or brown-skinned natives of foreign lands; prob. originally to natives of northern Africa.

Quanto ao termo “mouro” em português, este parece também ter sofrido evolução em seu significado ao longo do tempo. Segundo a definição do dicionário *Aurélio*, o vocábulo pode referir-se tanto à raça quanto à religião:

mouro. [Do lat. *Mauru.*] **S.m.** **1.** Indivíduo dos mouros, povos que habitavam a Mauritânia (África); mauritano, mauro, sarraceno. **2.** *p.ext. Ant.* Aquele que não é batizado, que não tem a fé cristã; infiel. **3.** *Fig.* Indivíduo que trabalha muito. **4.** *Guin.* V. curandeiros (1): [abonação] *Adj.* **5.** Relativo ou pertencente a, ou próprio de mouros; mauro; mauresco, mourisco. **6.** V. mourisco (1). **7.** *Ant.* Que não é batizado, que não tem a fé considerada verdadeira; infiel. **8.** *Mudéjar* (4). **9.** *Bras.* Diz-se de cavalo de pêlo preto salpicado de branco [var.: moiro] V. *mouros* ♦ **Trabalhar como um mouro.** Trabalhar intensamente (como os mouros tornados cativos no tempo da reconquista da Península Ibérica).

A mesma dupla significação é registrada pelo dicionário *Houaiss*:

Mouro {verbeta} **Datação** 1055-1065 cf. JM³ **Acepções** ■ substantivo masculino **1** Rubrica: história. Diacronismo: antigo. antigo habitante árabe-berbere do Norte da África **2** Rubrica: história. antigo habitante árabe-berbere do Norte da África **2** Rubrica: história. indivíduo de povo árabe-berbere que conquistou a península Ibérica; mauro **3** indivíduo do Saara ocidental que habita principalmente a Mauritânia; mauro, mauriense, mauritano, mourisco **4** (1513) Rubrica: história da religião. Diacronismo: antigo. após a Idade Média, aquele que professa a fé islâmica; islamita, maometano, muçulmano, sarraceno **5** Derivação: por extensão de sentido. pessoa que, não tendo recebido o batismo, era considerada gentia pelos cristãos; pagão, infiel **6** indivíduo que trabalha sem cessar. **7** Regionalismo: Sul do Brasil. um dos partidos nos torneios das cavalhadas **8** Regionalismo: Guiné-Bissau. espécie de vidente e

curandeiro que prepara mezinhas, supostamente benéficas ou malignas, utilizando versículos do Alcorão.

Portanto, o que se depreende é que, no contexto de produção, “Moor” é uma palavra de uso antigo, que designa tanto uma raça quanto uma religião, sendo ainda encontrada nos compostos “Blackamoor” e “tawny Moor”. No contexto de recepção, “mouro” também é termo considerado antigo para designar tanto uma raça quanto uma religião. Entretanto, não consta nos verbetes dos dicionários brasileiros citados acima referência à cor da pele.

O *Aurélio*, porém, registra ainda o composto “negro-muçulmano”, em que se nota a ligação entre cor de pele e crença religiosa:

[de negro + muçulmano] **Adj.** De origem negra e muçulmana: “E hoje é com dificuldade que o etnógrafo vai descobrir sobrevivências *negro-muçulmanas* na multiplicidade de macumbas e candomblés distribuídos por esse imenso Brasil...” (Artur Ramos. *O negro brasileiro*, p. 92)

Outras implicações decorrentes do uso dos termos “Moor” e “mouro” serão analisadas no contexto das peças, à medida que forem surgindo nos exemplos traduzidos.

Neste capítulo apresentamos a metodologia a ser utilizada na análise do *corpus*. No próximo capítulo nos concentraremos nos textos shakespearianos e em suas versões para o português do Brasil.